

SOBREVIVÊNCIA

Os ticunas e a produção de bananas

ELES DESCOBRIRAM QUE PLANTAR BANANAS PODE DAR-LHES UMA VIDA MENOS SOFRIDA

EM POUCO MAIS DE ANO OS ÍNDIOS DESCOBRIRAM QUE O CULTIVO DA BANANA EM LARGA ESCALA PODERIA MELHORAR A VIDA DELES

TEREZINHA PATRÍCIA

TABATINGA (AM) – O capitão da comunidade indígena de Santa Rosa, Fernando Saldanha, 38, chega numa tarde de domingo à sede do Município de Tabatinga (a 1.105 quilômetros de Manaus) com um carregamento de po-f (banana na língua ticuna), depois de uma viagem que dura nove horas a bordo de um motor de popa. O tempo pode parecer longo, mas muita coisa aqui na Amazônia é diferente do resto do Brasil, além disso, quando eles vinham remando, de canoa, da comunidade até a sede, gastavam três dias. O motor de popa custou R\$ 3,6 mil e foi comprado com as economias da venda de banana das novas variedades que vêm sendo cultivadas no Amazonas há pouco mais de dois anos. A primeira plantação, em agosto de 2000, permitiu a colheita de 725 toneladas, a resposta foi tão boa que eles começaram também a criar

galinhas e patos. Uma parte dos frutos e folhas da bananeira serve de alimento aos animais. Santa Rosa cultiva ainda mandioca, macaxeira, abacaxi, pupunha e começa também a plantar cana-de-açúcar. Na safra passada eles venderam 250 abacaxis, "fora uns mil que comemos", conta o capitão. Não há muito interesse em produzir em larga escala. Por enquanto a intenção é melhorar as condições de vida da comunidade, que é assistida pela Diocese do Alto Solimões. Antes da Sigatoka negra (doença que ataca as bananeiras) devastar os bananeiros eles plantavam banana peruana e maçã, mas acham que as novas variedades são mais produtivas. A banana é comida crua, cozida ou na forma de mingau. Duas vezes por mês, ou quando há produtos para vender o capitão vai à sede de Tabatinga e volta com café, sabão combustível, entre outras mercadorias.

Santa Rosa tem energia solar na escola onde está a antena parabólica, o televisor e o vídeo, utilizados nas aulas e também para que a população possa assistir televisão até 20h, quando a luz é desligada. A programação chega duas horas mais cedo por causa do fuso horário dessa parte do Brasil (comparando com Brasília). Com o horário de verão significa três horas de diferença, ou seja, eles assistem ao Jornal Nacional da Rede Globo às 17h15.



Fotos Luiz Vasconcelos

PERSEVERANÇA O povo ticuna do alto rio Solimões descobriu o valor comercial da produção de banana e se dedicou mais ao trabalho, envolvendo toda a família. A partir daí, criam animais para ajudar no sustento das famílias



UNIÃO Família indígena em frente à placa do Governo Federal

LÍDER INDÍGENA

Capitão de um povo em conflito

Para o povo ticuna, o capitão Fernando Saldanha chama-se *Dunavacaci*, que significa "maçã do japo", um pássaro amazônico. Ele está no comando da comunidade há 17 anos. *Só foi a Manaus três vezes para participar de encontros indígenas organizados pela Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (Coaiab)*. Foi a Brasília duas vezes, quando estava em discussão a demarcação das terras ticunas. Qual a impressão da capital do Brasil? "É muito fria", diz ele. Depois da demarcação, a presença de madeireiros em terras indígenas diminuiu. Mas já houve sérios conflitos, um dos mais violentos foi em 1988, quando 14 ticunas, entre mulheres e crianças, foram mortos por pistoleiros a mando de madeireiros, numa aldeia na localidade do Capacete, Município de Benjamin Constant, vizinho de Tabatinga e localizado a 1.116 quilômetros de Manaus.



Localização do Município de Tabatinga

A praga que destrói bananeiros

O fungo causador da Sigatoka negra (*Mycosphaerella fijiensis Morelet*) é a mais grave doença da bananeira no mundo. Onde o controle não é utilizado, as perdas de produção podem chegar a 100%. Outro efeito imediato é o custo de controle em função da necessidade de aumento do número de aplicações anuais de fungicidas. Na América Central este número chegou a ultrapassar, em algumas épocas, a 50 aplicações anuais, ou seja, cinco vezes mais comparado ao controle anteriormente dispensado para a Sigatoka-amarela, doença similar à Sigatoka negra, porém, com efeitos menos devastadores, com o custo de controle atingindo cerca de mil dólares/hectare/ano. Outro fator agravante, é o aumento do espectro de variedades atingidas pela doença, que ataca severamente a banana-maçã.

A primeira descrição da doença foi em 1963 nas Ilhas Fiji, distrito de Sigatoka, mas com o nome de raia negra. Em 1972, foi descrita em Honduras. Na Costa Rica, foi identificada em 1979 e, em 1981 na Colômbia, Venezuela, Peru, Equador e Bolívia. No Brasil, foi constatada no Amazonas, em fevereiro de 1998, nos Municípios de Tabatinga e Benjamin Constant, no Alto Solimões, fronteira com Colômbia e Peru. A doença está ocorrendo de forma severa, em praticamente todo o Estado, tendo devastado os bananeiros tradicionais. Já atingiu os Estados do Acre, Rondônia e Mato Grosso, diz o pesquisador da Embrapa, José Clério Rezende Pereira. A Sigatoka negra pode ser controlada por meio do plantio de cultivares resistentes à doença e também pela utilização de fungicidas, de preferência por pulverização aérea, que é mais eficiente. O problema é que na Região Ama-

zônica os bananeiros estão localizados próximos a mananciais, e existe uma portaria do Governo Federal proibindo a utilização de fungicidas perto de rios, lagos ou igarapés, para evitar a contaminação das águas. O pesquisador diz que para controlar a doença é preciso obedecer às portarias do Ministério da Agricultura sobre transporte de material de bananeira e de helicônias (planta ornamental) e utilizar cultivares resistentes, de preferência de mudas de cultura de tecido. As variedades resistentes à Sigatoka negra são muito produtivas, por isso têm boa aceitação junto aos produtores e consumidores. Por exemplo: a TAP Maço produz cachos de 25 a 35 quilos, a FHIA 18 e FHIA 01 têm cachos de até 50 quilos, a FHIA 02 produz cachos de até 60 quilos, enquanto que as tradicionais, como a prata comum, têm cachos de no máximo dez quilos.

IMPORTÂNCIA No Brasil, o consumo per capita de banana é de 25 quilos/ano. No Amazonas, cada pessoa consome, em média, 58 quilos/ano. Para a população a banana é alimento mesmo e não apenas uma fruta usada em sobremesas. Além disso, o mercado amazonense não é muito exigente, "aqui se come todo tipo de banana, não existe distinção entre as variedades", diz o pesquisador. O projeto do Alto Solimões começou em 1998 quando foi constatado o surgimento da doença na região. Em 1999, a Embrapa realizou dois grandes dias de campo, com a Diocese do Alto Solimões e apoio da Delegacia Federal de Agricultura (DFA/AM), em Tabatinga e Benjamin Constant, para o lançamento das variedades Caipira e Thap Maeo. Esses órgãos e as prefeituras municipais fizeram a introdução, avaliação e assistência técnica sobre adaptação nos dois municípios. Avaliando a experiência ele diz que a Embrapa pretende atingir a maior quantidade possível de produtores. Como em Tabatinga existe uma comunidade indígena expressiva, foi possível levar até os ticunas as mudas resistentes à doença. Hoje eles são auto-suficientes na produção de banana, que foi introduzida na alimentação escolar. A "banana passa", industrializada no interior do Estado é vendida nos supermercados ao preço de R\$ 10 o quilo. "Isso significa que a ação da Embrapa e dos demais órgãos na salvação da cultura da banana está surtindo efeito", ressaltou Pereira, completando que há um projeto de expandir o programa para outros municípios da região.

A banana no Amazonas

- Antes da entrada da Sigatoka negra, os bananeiros correspondiam a 17 mil hectares, com produção de 24 toneladas/ha/ano
- O projeto de repovoamento dos bananeiros com mudas resistentes à doença já conta com uma área plantada de 6 mil hectares, com uma produção de até 60 toneladas/ha/ano
- Consumo per capita de banana no Brasil: 25 quilos/ano
- Consumo per capita de banana no Amazonas: 58 quilos/ano

Fonte: Embrapa Amazônia Ocidental e Ministério do Desenvolvimento Agropecuario do Amazonas (DAM) 1999 e 2001

APOIO

Presença do Estado

Antes da Sigatoka negra aparecer no Amazonas, os bananeiros correspondiam a uma área de aproximadamente 15 mil hectares, alcançando uma média produtiva em torno de 24 toneladas por hectare/ano. O repovoamento dos bananeiros com mudas resistentes já representa 6 mil hectares plantados, que chegam a produzir até 60 toneladas por hectare/ano, segundo informa a Assessoria de Comunicação do Instituto de Desenvolvimento Agropecuario do Amazonas (Idam). Na constante busca de alternativas alimentares para a população rural, o Governo do Estado vem desenvolvendo ações com vistas a resgatar, por meio da bananicultura, fonte de renda e garantia de produção. A banana tem uma função sócio-econômica relevante junto às famílias carentes, principalmente os ribeirinhos, pois tradicionalmente a banana faz parte da dieta alimentar do caboclo amazense. No projeto desenvolvido no Alto Solimões o Idam vem participando da distribuição de mudas, assistência técnica e na elaboração de projetos para os produtores que desejam receber financiamento junto a Agência de Fomento do Amazonas (Afeam). Além da Diocese do Alto Solimões, o Idam também trabalha com as prefeituras dos municípios nesse projeto que começou em 1998.



TRABALHO O ticuna Jonas caminha longas trilhas até à comunidade

As variedades já introduzidas pela Embrapa no Amazonas:

Variedades	Tipo do fruto:
Caipira	Ouro no Inajá
Tap Maeo	Maçã
Prata Zulu	Prata com sabor agridoce
Fhia 18	Prata
Fhia 01	Prata
Fhia 02	Nanico ou Baé
Polipita*	Figo - para fritura e mingau, substitui a pacová
Prata Ken	Prata - será rebatizada com o nome de Caprichoso**
PC 4201*	Prata - será rebatizada com o nome de Garantido**

PRESERVAÇÃO

Povo tem consciência ambiental

Quem sai da sede de Tabatinga para Santa Rosa vai descer o rio Solimões e passar por vários igarapés e igarapés até chegar ao igarapé Tacana, onde vivem 26 famílias, num total de 148 pessoas. Eles não sabem desde quando habitam no lugar, só que "faz muito tempo", e estão certos que é preciso preservar a terra, que tem um significado muito especial para os indígenas. Assim como a terra, a água também faz parte da vida deles. É ela que permite o acesso a esse mundo tão peculiar. Nas "estradas de rio" se o visitante for de deslizador a viagem dura pouco mais de três horas de ida e quatro de volta, porque a embarcação estará subindo o rio, no sentido contrário da correnteza. No caminho já não há tantas canoas. São muitos os deslizadores e motores de popa, que encurtam as distâncias e não exigem o esforço de antes. O espetáculo das águas, ora negras, ora barrentas torna prazerosa a viagem. Por vezes o caminho fica estreito, depois mais largo, às vezes o espelho d'água está perfeito, revelando a paisagem invertida das margens. O barulho da lanca rompe a tranquilidade espantando as aves, que fogem pintando a passagem com suas plumagens multicoloridas. No porto, uma placa do Ministério da Defesa/Governo Federal indica que Santa Rosa está na área do "Projeto Calha Norte - de vigilância das fronteiras - mas além da placa não há presença militar por aqui. As crianças são as anfitriãs. Sorriem barulhentas, mas excluem os visitantes, preferindo conversar na língua-mãe. As mulheres também falam pouco. Com alguma dificuldade, Eva Maximiano, 29, conta que é mulher do agente de saúde, Salvador. Tem seis filhos, um



COMÉRCIO O porto de Tabatinga está sempre movimentado de pequenos e grandes embarcações

deles é Romário, de sete anos, uma herança da televisão que trouxe os jogos de futebol. No início do ano os dias costumam ser nublados, mas isso não preocupa os ticunas. Eles pescam, caçam e cuidam das plantações. A banana não é tão exigente, ou seja, a melhor época para cultivá-la é todos os dias. Também come-se banana todos os dias. Na casa do capitão a mulher dele, Melita, brinda os visitantes com pupunha cozida, das melhores que se cultivam em Santa Rosa. Outro morador, Valdo Jonas, também se preocupa em mostrar a hospitalidade do povo e oferece mapati, fruta conhecida como "uva da Amazônia". Entre várias comemorações eles festejam o dia da padroeira, Santa Rosa, em 29 de agosto e a festa da moça nova. No ano passado homenagearam Nanci, uma das filhas do capitão, que completou 13 anos. Foi escolhido um dia de lua cheia para as danças, com muita comida - frutas, carne de caça e peixe - e a participação de

convividos de comunidades ticunas vizinhas. Os vizinhos moram a quilômetros de distância nas comunidades de Água Limpa, Novo Cruzador, Nova Extrema, Monte Sinai, Ponta Preta e Nossa Senhora Aparecida. Os nomes mostram a influência da Igreja Católica. Santa Rosa é uma das menores comunidades ticunas dessa área. Tem 39 eleitores e não costuma receber visitas de políticos, conta o capitão. Talvez isso seja até bom para eles.

Município de Tabatinga

- Localização: no Alto Solimões, fronteira do Brasil com a Colômbia e o Peru
- Como chegar: por avião - há vôos todos os dias pela Varig ou Rico Linhas Aéreas. De barco: saída do Porto de Manaus

Municípios que integram a Diocese do Alto Solimões

Município	Distância de Manaus
Atalaia do Norte	1.138 quilômetros
Amaturá	910 quilômetros
Benjamin Constant	1.116 quilômetros
Santo Antônio do Itá	888 quilômetros
São Paulo de Olivença	988 quilômetros
Tabatinga	1.105 quilômetros

* População estimada: 150 mil habitantes, dos quais 40 mil são indígenas, sendo 35 mil ticunas

Fonte: Diocese do Alto Solimões

Igreja compra produção local

O excedente da banana produzida pela comunidade de Santa Rosa é quase todo comprado pela Diocese do Alto Solimões, que transforma uma parte em bombons e balas e massa para mingau. A outra parte dos frutos é embalada em caixas com óleo e dez unidades, com indicação da composição química e a utilização da fruta. A embalagem foi idealizada pelo Instituto de Desenvolvimento Agropecuario do Amazonas (Idam), para dar melhor apresentação ao produto. Por enquanto não há planos de fazer a banana chegar a Manaus porque a capital é muito longe e a demanda local é grande. O bispo da diocese, dom Alcimar Magalhães, lembra que foi pelo Alto Solimões que a Sigatoka negra entrou no Amazonas, dizimando os seringueiros. "A banana é fundamental, sem ela os ribeirinhos e a população indígena teriam deficiência alimentar", diz. Na época ele ficou preocupado com a situação e conversou com as autoridades para a introdução de clones resistentes à doença que estavam sendo produzidos pela Embrapa.



COLHEITA A safra do ano 2000 permitiu que os ticunas ampliassem os negócios para criação de animais e aves

A diocese realizou um projeto piloto para saber se nova variedade era viável, inclusive para testar o paladar. O projeto começou com 5 mil mudas e hoje há dezenas de bananeiros sendo cultivados no Alto Solimões. Com a volta da banana, agora em maior quantidade, a população começou a criar galinhas, patos, porcos e peixes que se alimentam dos frutos e das folhas. Constant ficaram 400 mil, pois nesse município a piscicultura está se desenvolvendo de forma mais intensiva. Dom Alcimar acredita que dá para tirar alguns peixes de bananeiros sendo cultivados no Alto Solimões. Com a volta da banana, agora em maior quantidade, a população começou a criar galinhas, patos, porcos e peixes que se alimentam dos frutos e das folhas.

colocou essa região entre as mais carentes do País. Os críticos da política ambiental do Governo Federal dizem que o empobrecimento decorreu da repressão ao extrativismo e à pesca. A falta coincidiu com o surgimento de uma outra atividade: tráfico de drogas. A cocaína vem da Colômbia. Muita gente se transformou em "formiguinha" fazendo o transporte, ganhando uns trocados e por causa disso muitos estão na cadeia. O bispo diz que é urgente a criação de alternativa econômica para a população, como a que está em curso.

OUTROS PROJETOS

Há seis meses a diocese levou 500 mil alevinos para distribuir aos produtores. Em Benjamin